



VILA ITORORÓ CANTEIRO ABERTO

Por Fábio Zuker

O que acontece detrás dos tapumes de uma obra de restauro? Quando uma obra fica finalmente pronta? Quem define os usos futuros de um lugar sendo restaurado? Quem é o público que passará a frequentar esse lugar? Com quais recursos as obras públicas são financiadas?

Estas são apenas algumas, das diversas questões levantadas pelo projeto Vila Itororó Cantreiro Aberto. A abertura do cantreiro das obras de restauro da Vila Itororó é uma forma de lidar com essas indagações e de apontar para outras perguntas, tornando visíveis as muitas decisões que dão valor ao lugar sendo restaurado e o validam como patrimônio.

Esse processo ganhou forma em filme homônimo ao projeto, realizado pelo Instituto Pedra em parceria com o Estúdio ZUT, sobre o próprio processo de restauração da Vila Itororó. Este pequeno texto busca apresentar brevemente o projeto cultural de restauro atualmente em curso, e convidar o leitor tanto para visitar o cantreiro de obras (Rua Pedroso, 238), quanto assistir ao filme online (disponível no site www.vilaitororo.org.br)

São Paulo era praticamente um vilarejo em meados do século XIX. Mas, na virada para o XX, tudo é sacudido por transformações intensas: de menos de 65 mil habitantes, a cidade em poucos anos passa a ter mais de 250 mil. Surgem bairros operários, bairros povoados por imigrantes e seus pequenos negócios, cortiços... Em vinte anos, o número de prédios triplica. O lampião de gás é substituído pela luz elétrica, o bonde puxado por burros pelo bonde elétrico, e o vapor pela eletricidade. Obras de saneamento, abertura de avenidas, a inauguração do Theatro Municipal marcam o início de um novo século e de uma metrópole, que em poucas décadas se torna cada vez mais cosmopolita: metade de sua população era estrangeira.

No meio desse momento único de transformação urbana, com a demolição da cidade colonial e a construção de uma cidade moderna, o jovem Francisco de Castro, depois de passar anos em Portugal, volta ao Brasil para tentar a sorte nos negócios. Com o capital acumulado por sua atuação na indústria têxtil e no mercado de exportação de café, Francisco começa a adquirir terrenos na capital paulista, onde constrói casas para venda e aluguel. Entre as várias construções que desenvolve em São Paulo, espalhadas pela Aclimação, Mooca, Lapa e ao redor da Avenida Paulista, a Vila Itororó se destaca.

Através da história da Vila Itororó, podemos acompanhar diversos momentos da cidade de São

Paulo. Se a sua construção data dos primeiros anos do século XX, podemos dizer que ela nunca deixou de se transformar. A sua própria arquitetura condensa as marcas dos processos de mudança da cidade. É um espaço constituído em diversas épocas, a partir de diversas técnicas, com diversos usos; onde convivem uma habitação burguesa, uma série de casas de aluguel, uma piscina e um clube; e que conjuga elementos de uma arquitetura colonial, pré-moderna, com elementos já característicos de construções industriais. Por essa diversidade de aspectos e atividades, a Vila Itororó é um lugar único para compreender as abruptas transformações pelas quais a cidade de São Paulo passou e continua passando.

Com a nova lei de zoneamento nos anos 70, que foi o principal instrumento de planejamento em São Paulo, a Vila foi considerada como de interesse cultural. Logo depois, os arquitetos Claudio Tozzi, Décio Tozzi e Benedito Lima de Toledo desenvolveram um estudo de proposta de recuperação urbana da Vila Itororó. A ideia era desenvolver um programa de atividades culturais para ocupar a vila e assim devolvê-la para a população. Surgia, aí, uma polêmica sobre os usos futuros da Vila, colocando em tensão diferentes concepções de cidade, de cultura e de habitar.

Com o processo de tombamento na década de 80, tanto pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (COMPRESP) quanto pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado (CONDEPHAAT), tornou-se real a ameaça de desalojar as famílias que viviam ali em nome da implementação do centro cultural. A luta de resistência dos moradores foi marcada, durante anos, pela associação de diferentes coletivos artísticos, jovens arquitetos ativistas e grupos de assistência jurídica. Essa resistência conjunta possibilitou uma vitória significativa: a relocação dos moradores em habitações sociais na área central. Muitos, porém, teriam preferido continuar morando na Vila.

A Vila Itororó, hoje, pode ser pensada a partir de uma perspectiva que compreende o patrimônio não só como algo que deve ser preservado, como se pertencesse apenas a um passado distante, mas também como uma ferramenta de transformação do presente. O projeto do Parque Itororó, assim como o da própria Vila, como tinham sido idealizados por Francisco de Castro, são pedaços de uma cidade que nunca se tornou realidade. Hoje, a Vila é uma mistura de utopia, de sonhos, de impossibilidades e destruições que servem de inspiração e de desafio para novos projetos de transformação da realidade urbana da cidade.

Hoje, no canteiro de obras da Vila Itororó, o trabalho dos arquitetos, engenheiros, operários e marceneiros estão à vista. Qualquer pessoa pode adentrar esse canteiro e, desta maneira, deixar de ser um mero observador para se tornar parte deste processo. Entre os escritórios e as ferramentas de trabalho, o visitante encontra um espaço em construção contínua, que traz à tona as lutas recentes pela permanência dos ex-moradores na Vila Itororó e o seu passado mais distante, junto aos seus futuros possíveis. Esse espaço em construção cresce junto ao seu público no meio dos escombros e das obras de restauro em andamento.

Obras públicas pedem uma construção coletiva, e é a própria ideia de Centro Cultural que está em disputa. Se o local também conta a história das moradias em São Paulo, como seria possível preservá-lo, tirando as pessoas que viviam nele? O modo como elas organizam sua vida no espaço não seria também uma forma de cultura? Se centros culturais possuem lojas, cafês, restaurantes, o morar não poderia ser um fenômeno social legítimo de estar presente em centros culturais?

O canteiro de obras da Vila Itororó está aberto para dar continuidade a esses debates. Não apenas de modo teórico, mas prático, guiando os possíveis usos futuros da Vila. Entendendo que uma obra pública deve passar por um debate também público, com os mais interessados no processo, os moradores do entorno e da cidade como um todo. Quem vier na Vila hoje pode ouvir sua história contada por arquitetos, urbanistas, historiadores, ex-moradores, recém frequentadores e vizinhos; pode encontrar trabalhos de artistas que problematizam o lugar que a Vila ocupa na cidade e o lugar que a arte ocupa na Vila; pode participar de oficinas de marcenaria; usar a horta; brincar no galpão; cozinhar; ensaiar; estudar; descansar; ler ou simplesmente passear; respeitando algumas regras flexíveis de convivência mas sem precisar de nenhuma autorização prévia; porque a cidade é nossa; porque o público é nosso bem comum; porque o patrimônio existe apenas pelo valor de uso que nós lhe conferimos.

Fábio Zuker é antropólogo formado pela FFLCH-USP e EHESS. Trabalha no Instituto Pedra no processo de restauração da Vila Itororó. Esse texto reúne trechos escritos por ele e outros adaptados no formato de narração para o filme “Vila Itororó Canteiro Aberto”, por Leda Cartum. A concepção do filme é de Benjamin Seroussi, Matthieu Rougé, e Fábio Zuker.